**Psicanálise em camadas: elaborando o medo em territórios de violência**

**Rocío Franco Valdivia[[1]](#footnote-1)**

**Elizabeth Haworth Ruiz[[2]](#footnote-2)**

**Cecilia Martínez Julio-Rospigliosi[[3]](#footnote-3)**

A expressão "Psicanálise na comunidade" muitas vezes evoca a comunidade como território ou espaço físico. Para nós, a comunidade é um campo de encontros (Bleger, 1967) e, ao mesmo tempo, é um sujeito coletivo e vivo que habita um território com história. Portanto, todo discurso de grupo é atravessado pelas histórias sociais, políticas, econômicas de sua comunidade; é uma história que a transcende e ao mesmo tempo o implica.

Nesse sentido, gostaríamos de levar em consideração algumas ideias que colegas da Associação Psicanalítica do Uruguai (APU) compartilharam conosco, como grupo Zuno. A primeira diz respeito à ideia de trazer a psicanálise para a comunidade. Na verdade, não é psicanálise, são os psicanalistas que vamos para a comunidade. É através desse encontro que nossa teoria enfrenta desafios e se enriquece. Quando trabalhamos com populações em situação de exclusão, a teoria psicanalítica é uma referência teórica que nos sustenta a pensar no vínculo social fracassado. As fantasias, afetos, medos, incertezas que a comunidade move nos psicanalistas produzem aprendizados valiosos para o nosso trabalho, dentro e fora do consultório. A segunda ideia foi enunciada por Marcelo Viñar naquela reunião. Cada contexto social, cada geografia enriquece nossa teoria. Nossa prática no consultório exige desse outro campo de encontro clínico que se dá com a comunidade, para não cair em uma espécie de endogamia do consultório. Não se trata então, nos disse Marcelo, que a psicanálise saia para a comunidade, mas que a comunidade entre na psicanálise "como um ar fresco". Este trabalho é a continuação deste frutífero diálogo.

Somos um grupo de analistas peruanas que trabalhamos com equipes em diversas partes do país. Trata-se de projetos de ONG ou do setor público que lidam com a violência de gênero com uma população em extrema pobreza e pertencente a grupos étnicos em uma situação precária (comunidades quechuas e amazônicas no Peru). Nos últimos anos, falamos sobre nossa experiência dentro da nossa sociedade psicanalítica e com outras sociedades psicanalíticas, em especial com colegas do Brasil, Argentina e Uruguai. Em todos eles, encontramos interlocutores generosos com suas ideias e seu tempo.

O específico sobre o trabalho de Zuno é a abordagem coletiva e institucional, que nem sempre está ligada a situações de extrema precariedade material. Nesta ocasião, focaremos em uma experiência de intervenção em um distrito rural do Peru. Analisaremos o medo que parece ser um sinal do esforço para manter a capacidade de pensar diante do triunvirato da violência (entre os sujeitos, estrutural, simbólica) (Zizek, 2010)

O material vem de um dispositivo analítico guiado como uma reunião de três sessões em grupo. A experiência foi desenvolvida como parte de um processo de diagnóstico para um programa nacional do Estado Peruano. Trabalhamos com equipes de contenção em casos de violência de gênero, sob a abordagem do **Cuidando dos que cuidam**. Nossa escuta acolhe não só a violência que vem diretamente dos casos que esses profissionais atendem, mas também a violência – muitas vezes invisível – do contexto em que atuam.

As situações extremas de violência e de medo em que esses grupos trabalhavam exigiram uma *análise em camadas*, impondo três momentos de elaboração: 1) o espaço do grupo com a equipe, 2) as cenas que surgiram na supervisão do material e, 3) escrever para compartilhar a experiência com os demais. Apresentaremos a experiência com uma dessas equipes.

**Primeira camada: o espaço de grupo com a equipe de profissionais**

Participou uma equipe multidisciplinar de quatro profissionais que trabalhavam juntos em um enclave mineiro há quase dois anos. Foi uma zona atacada pelo Sendeiro Luminoso e depois foi local de trânsito de tráfico de drogas. A riqueza da empresa contrastava com a pobreza do povo.

Desenvolvemos com eles um processo de grupo de três sessões para pensar sobre sua tarefa e seus conflitos como um grupo.

Quando se perguntou, qual era sua tarefa? Eles falaram sobre a violência e a pobreza do lugar e expressaram o desejo de restaurar a liberdade às mulheres e compensar as comunidades por tanta exclusão. As associações do grupo estão nos levando seu mal-estar com as exigências "loucas" da burocracia estatal. O medo e a violência são projetados nos burocratas do ministério. Eles dizem: *O advogado era quem estava com medo, os especialistas em Lima nos apedrejaram, quando levamos nossa proposta.* Enquanto o ministério é vivido persecutoriamente, eles percebem a comunidade como um local de trabalho criativo e gratificante, onde se sentem reconhecidos. Eles também mencionam que têm pesadelos e que se morassem sozinhos, já teriam renunciado. Todos eles dividem um grande quarto onde comem e dormem juntos. Eles são descritos como um grupo unido, com intervenções bem sucedidas. Eles narram como conseguiram envolver o prefeito em apresentações de teatro de rua e outras ações para prevenir o consumo de álcool em jovens.

As psicanalistas detectam uma omissão sintomática dos casos de violência. Quando perguntaram sobre isso, eles disseram: *casos tão, tão graves nós não temos!... Tivemos um caso entre menores. O menor estava manipulando uma arma e ameaçando a garota. Ele tem 17 anos e ela tem 16, faz um ano que eles moram juntos e têm um bebê.* Eles lembram que foi difícil entrar naquela cidade tomada pelo tráfico de drogas e que a família do garoto era uma das mais poderosas da cidade. Os casos inundam o discurso do grupo, cada um mais violento e assustador do que o anterior. Enquanto comentam os casos e as condições em que trabalhavam, um deles diz, como se falasse sobre o tempo: *fui assaltado duas vezes, nas duas únicas empresas de transporte que existem, em uma eles te assaltam e a outra vive caindo pelo barranco abaixo.*

O medo tinha tomado a sessão e se infiltrava nas analistas, uma diz à outra: *Eu já estava com medo*. A dissociação do afeto e horror dos casos comunicava a escala da violência enfrentada pelo grupo.

**Segunda camada: as cenas na supervisão**

Ao retornar, as analistas trouxeram o material para a supervisão. Como preâmbulo, levamos alguns minutos para comentar sobre a viagem:

*Todos nós fomos para uma piscina cujas águas vinham do subsolo, quente e muito agradável. Foi como uma purificação da viagem pesada. Estávamos relaxados, olhando para a linda montanha que havia a frente. Na época, a coordenadora da equipe nos disse: antes (apontando para a montanha) ali era um lugar de passagem para os terroristas, eles podiam olhar para nós, mas nós não podíamos vê-los. Agora, os narcos passam. Uma vez fizemos uma oficina com as autoridades do povoado aqui na piscina. Estávamos sentados bem aqui e, naquele momento, os traficantes passaram, uma escolta de motocicletas abriam o caminho, então as caminhonetes enormes, bem ali na frente dos nossos olhos! O policial disse "o que eu vou fazer, eles têm muito mais armas do que eu", ele sentado, observando. Naquele momento sentimos medo"*

Se faz necessário destacar que, até hoje, não concordamos com o texto desta memória. Duvidamos se eles só nos contaram sobre as caminhonetes ou se realmente as vimos passar. A supervisora que ouviu essa história tinha imagens vívidas e ficou com a sensação de ter estado no local. A força das imagens e a intensidade da experiência dão a essa história uma qualidade onírica.

Esse relato consegue comunicar a violência do contexto e transmitir a experiência do perigo e desproteção da equipe de profissionais que foi gradualmente transmitida às analistas nas sessões de grupo.

Para a supervisora, esse relato prevaleceu como uma cena. Holloway (2015) propõe que a cena é um registro de significados afetivos "encarnados" nos pesquisadores que permitem o acesso a um conhecimento não simbolizado da sociedade. No nosso trabalho, a compreensão cênica nos permitiu abordar essa comunidade, sua história, suas condições materiais de vida, sua subjetividade e os afetos que fundamentam a experiência do encontro.

Depois de terminar o trabalho na área e completar os relatórios, ficamos com a sensação que algo ainda precisava ser elaborado.

**Terceira camada: continuar elaborando através da escrita**

Na primeira camada, o grupo reconhecia a violência presente no seu cotidiano de trabalho, mas projetava o medo nos outros; enquanto as analistas foram sentindo esse medo. Foi na segunda camada, com a distância oferecida pelo espaço de supervisão, que as memórias se condensaram em uma cena. A compreensão cênica nos permitiu reconhecer a magnitude do medo e pensar sobre a violência.

Aqueles que refletem sobre a violência dão o medo por sentado, sem aprofundá- lo e, nas intervenções de campo, há uma censura tácita para senti-lo. Essa experiência nos levou a pensar em um medo "desmentido" (foracluído). A desmentida é uma ação muito vigorosa para que o eu possa continuar operando (Bleichmar. s/f). No nosso caso, escrevendo sobre essa experiência, pudemos nos conscientizar da magnitude do medo associado à violência e que ele só poderia ser capturado contra-transferencialmente, a partir de um enquadre projetado para obter dados psicanalíticos.

A psicanálise a céu aberto apresenta a dificuldade de encontrar comunidades afetadas por situações de marginalidade e exclusão históricas, atacadas pela violência política, prejudicadas por políticas neoliberais. Diante da violência histórica, sistêmica, simbólica e política, a desmentida do medo surge como um recurso, para que possamos continuar a operar a realidade de forma criativa.

Tradutora: Thaís de Sá Oliveira

Bibliografia

Bleichmar, H. (S/f). *Introducción a la perversión*. tomado de: http://www.psi.uba.ar/academica/carrerasdegrado/psicologia/sitios\_catedras/electiva s/081\_psicosomaticas/material/archivos/desmentida\_ulnik.pdf

Bleger, J. (1967). Psicoanálisis del encuadre psicoanalítico. In: Bleger, José. *Simbiosis y ambigüedad: estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós, 1967. p.237-50. (Biblioteca de Psiquiatría, Psicopatología y Psicosomática,42). Lo: B615s,1967,1967.

Hollway W. (2015) Scenic Writing and Scenic Understanding. In: *Knowing Mothers. Studies in the Psychosocial Series*. Palgrave Macmillan, London. https://doi.org/10.1057/9781137481238\_6

Viñar, M. (10 de Mayo de 2019). Jornada de Intercambio: El trabajo en comunidad en Perú y Uruguay, encuentros y distancias. Asunción: Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

Zizek, S. (2010). Ensayos sobre la Violencia. Seis reflexiones marginales. Buenos Aires: Paidos.

1. Membro da Sociedade Peruana de Psicanálise (SPP). Professora da Pontifícia Universidade Católica do Peru [↑](#footnote-ref-1)
2. Membro titular da Sociedade Peruana de Psicanálise (SPP)  [↑](#footnote-ref-2)
3. Membro titular da Sociedade Peruana de Psicanálise (SPP) [↑](#footnote-ref-3)